

## A NARRATIVA ORAL URBANO-DIGITAL: AMPLIANDO UM CONCEITO NA PERSPECTIVA DA DESCOLONIZAÇÃO DE SABERES E DE GÊNERO

Autor : Mauren Pavão Przybylski

PNPD-CAPES/Pós-Crítica/ UNEB  
maurenpavao@gmail.com

### Resumo

O presente trabalho pretende ampliar o conceito de narrador oral urbano-digital, como base nas narrativas de mulheres socialmente à margem. Para tanto, utilizaremos blogs e páginas do facebook, produzidos por narradoras das mais diversas periferias: rappers, participantes de saraus de periferia, prostitutas e participantes de slams - termo advindo do inglês slam poetry que significa batida de poesia” e é uma competição – nos últimos tempos bastante frequente nos coletivos periféricos - em que poetas leem ou recitam um trabalho original (ou, mais raramente, de outros). Objetivamos ilustrar, com base nas narrativas de diferentes mulheres que se encontram socialmente à margem, a urgência que nós, pesquisadoras do estudos literários, temos de apostar em novas narradoras que certamente possuem vastas produções narrativa e não estão necessariamente na academia, e sim na periferia, seja ela geográfica ou intelectual e utilizam da internet enquanto meio de legitimação de suas identidades. Precisamos descolonizar o saber e o ser, fazendo do ambiente acadêmico um espaço plural.

**Palavras-chave:** narrativa oral urbano-digital, gênero, descolonização, internet, periferia.

A presente comunicação é fruto de minha pesquisa de Pós-Doutorado em andamento no Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, intitulada *Descolonizando saberes a partir de narrativas orais, urbanas e digitais: Brasil e África em diálogo*. Para que se compreenda os objetivos e metodologia adotada é necessário trazer um breve resumo de minha trajetória acadêmica, na medida em que foi esta que me levou a refletir em torno da descolonização de saberes e de gênero.

O interesse por tal temática vem se configurando, gradativamente, ao longo dos últimos 12 anos, o que coaduna com meu ingresso no Mestrado em Letras, área de concentração teoria literária, no Programa de Pós-Graduação em Literatura, na Universidade Federal de Santa Catarina. Na altura, desenvolvi a dissertação: *A representação feminina nos diferentes lendários: os casos de Teiniaguá e Corriveau* que foi uma continuação de minha pesquisa de iniciação científica. Tendo feito um apanhado da fortuna de crítica de Simões Lopes Neto, folclorista gaúcho que compilou os *Contos Gauchescos* e Nicole Guilbault, etnógrafa responsável pela publicação de *Il était cent fois la Corriveau* e, no caso da Teiniaguá, expandido para pesquisa de campo a partir de uma ida à Quaraí, cidade do RS em que a recepção da lenda afeta o *modus operandi* dos moradores, o trabalho acabou por ganhar uma roupagem nova: analisar as representações femininas lendárias, demonstrando de que forma esses seres ficcionais influenciaram no modo como a mulher era vista e entendida, no período de conquista das terras quebequenses (Corriveau) pelos ingleses e do período marcado por revoluções e constituição da identidade do sul do Brasil (Teiniaguá), encerrando em si as características e os valores que viriam a ser considerados. Violência, proibições, punições, regras e normas preestabelecidas, foram alguns dos enfoques explorados tomando a personagem feminina representada sob a forma de bruxa, má, vítima ou assassina cruel. (PRZYBYLSKI, 2008).

Entretanto, esta primeira investigação acabou por ser pautada dentro de uma metodologia muito mais voltada à pesquisa bibliográfica do que propriamente ao campo. Considerando que minha vontade de unir ambos ainda pulsava, inscrevi-me como aluna especial no Programa de Pós-

Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em que cursei a disciplina *Narrativas das margens: oralidade e escrita*, com a prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ana Lúcia Liberato Tettamanzy. Durante as aulas, adentrei-me nas definições e usos da narrativa, além de poder ter tido contato com os fundamentos epistemológicos que relacionam a oralidade e a escrita. Ter frequentado a disciplina me possibilitou, a convite da própria professora, participar de seu projeto de pesquisa: *A Vida Reinventada: pressupostos teóricos para análise e criação de acervo de narrativas orais* que tinha como sistemática reuniões semanais para discussão de textos teóricos e idas a campo, alternadamente. O campo a que me refiro aqui é o bairro Restinga, lócus periférico, distando 30km ao sul do centro da cidade de Porto Alegre e criado por remoção em 1940. Nessas idas, além do morador cuja casa era o centro de nossos encontros, José Carlos dos Santos, aposentado, agitador cultural e ex-conselheiro tutelar, tive contato com Marco Almeida, o Maragato: sujeito bastante *sui generis* – escreve poesia, possui programas de web-rádio, página no facebook, ministra oficinas de criação de histórias em quadrinhos, vende algodão doce em porta de escola e cata lixo, quando nenhuma das outras atividades é possível por falta de recursos financeiros ou oportunidade.

O momento de meu encontro com Maragato coincide com a necessidade do projeto de criar um site internet. Tendo financiamento do Edital Universal 14/2010, a burocracia impedia que o próprio narrador criasse a página, então, tomando como base conhecimentos anteriores de informática, ofereci-me para a tarefa. Ao ingressar como aluna regular surge, então, um questionamento pessoal: por que não criar um site, do qual Maragato fará parte, e pensar numa tese que trate dele?

Nasce, então, o narrador oral urbano-digital, sujeito que se utiliza do hipertexto para legitimar-se enquanto um produtor de narrativa. (PRZYBYLSKI, 2014)

Três meses após a conclusão da tese, fui aprovada no Pós-Doutoramento no Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, na Universidade do Estado da Bahia, Campus II. Ao começar a trabalhar na instituição, passei a refletir de que modo poderia aplicar o conceito de narrador oral urbano-digital ao espaço em que agora me encontrava. Muitas eram as possibilidades, visto que a Bahia é um estado rico em cultura popular.

A primeira ideia foi tratar do modo como as religiões afro-brasileiras se apropriam do espaço digital como forma de legitimação identitária. No entanto, percebi ser uma pesquisa bastante delicada, por lidar com sujeitos cujas religiões tem suas normas, regras e alguns impedimentos aos que não fazem parte delas. Depois, participando de um evento tive o primeiro contato com um sarau de periferia em Salvador, o *Sarau da Onça*, liderado por Sandro Sussuarana, que me interessou sobremaneira e levou-me a entrevistá-lo para o número 21 da *Revista Boitatá*, Revista do GT de Literatura Oral e Popular da Anpoll, e de cujo número fui uma das organizadoras. Ao questioná-lo sobre a importância da tecnologia para o Sarau da Onça, diz Sussuarana:

Acredito que a internet seja uma ferramenta de grande importância não somente para a divulgação ou estreitar os laços de moradores de bairros diferentes, mas também para a distribuição e o acesso a matérias de suma importância para a sociedade. Nas redes sociais, pelas linguagens que se formam, você quebra mais o “gelo” com relação a quem sabe e quem não sabe, pois, as informações são simultâneas e de acesso a todos, fica a critério de cada um beber destas fontes... A poesia modifica muito mais do que só a visão externa sobre os bairros periféricos... ela faz com que os moradores se apropriem de seus direitos, que eles expressem seus sentimentos sem medo de repressão, porque ninguém melhor do que os moradores das periferias para falar sobre ela. Na poesia produzida na periferia os protagonistas são seus próprios moradores, antes incriminados hoje artistas reconhecidos dentro e fora do seu local de vivência e que inspira cada vez mais outros artistas, porque o exemplo mostra que TODOS são capazes e se eles

perguntarem aos artistas das periferias certamente eles dirão: Você pode, basta fazer! (SUSSUARANA, 2016, p.272)<sup>1</sup>

Pelo site do coletivo, página do facebook, youtube, são divulgadas não só as ações do sarau, como também os slams.<sup>2</sup>Vale destacar, no entanto, que se já existem muitos grupos femininos que utilizam da música e da própria poesia para se legitimarem, a grande maioria desses espaços é ainda, majoritariamente, de dominação masculina, o que me levou a questionar: qual o papel das mulheres? Qual o espaço por elas ocupado?

Em pesquisa primeiramente realizada em ambiente virtual me deparei com poetas periféricas, participantes de saraus de periferia, *rappers*, *dj's* e até mesmo com aquelas que, dentro de uma marginalidade, estão mais ainda à margem: as putas narradoras, mulheres, transmulheres, que optaram pela prostituição e têm, na internet, o locus de narração de suas vidas.

A partir de tudo isso, o objetivo deste trabalho é ampliar a perspectiva teórica e crítica do conceito de narrador, tratar das narradoras orais urbano-digitais, a partir de um recorte descolonial, em que identidades étnicas e grupos sociais subalternizados recriam e descentram as poéticas ocidentais. Penso o descolonial, aqui, a partir do “Giro decolonial”, termo cunhado originalmente por Nelson Maldonado-Torres em 2005 e que basicamente significa o movimento de resistência teórico e prático, político e epistemológico, à lógica da modernidade/colonialidade. A decolonialidade aparece, portanto, como o terceiro elemento da modernidade/colonialidade, como uma forma de se demonstrar que as possibilidades de pensamento não se encerram em uma perspectiva eurocêntrica, mas podem e devem ir além. Para Mignolo, “a conceitualização mesma da colonialidade como constitutiva da modernidade é já o pensamento de-colonial em marcha” (Mignolo, 2008, p. 249). Mas, para ele, a origem do pensamento decolonial é mais remota, emergindo como contrapartida desde a fundação da modernidade/colonialidade. (BALLESTRIN, 2013).

Sabemos que a colonialidade é um dos elementos constitutivos e específicos do padrão mundial de poder capitalista (QUIJANO, 2000, p.342) e que a discussão em torno da temática surge em 2002, quando Arturo Escobar funda o Grupo Modernidade / Colonialidade, que pretende contrapor o pensamento de uma modernidade eurocêntrica até então vigente. Segundo Ballestrin,

Para o autor, raça, gênero e trabalho foram as três linhas principais de classificação que constituíram a formação do capitalismo mundial colonial/ moderno no século XVI (Quijano, 2000, p. 342). É nessas três instâncias que as relações de exploração/dominação/conflito estão ordenadas. A identificação dos povos de acordo com suas faltas ou excessos é uma marca fundamental da diferença

---

<sup>1</sup> Disponível em:

[http://revistaboitata.portaldepoeticasorais.com.br/site/arquivos/revistas/1/ENTREVISTA%20A%20SANDRO%20SUSSUARANA,%20CONDUZIDA%20POR%20MAUREN%20PAV\\_%20PRZYBYLSKI.pdf](http://revistaboitata.portaldepoeticasorais.com.br/site/arquivos/revistas/1/ENTREVISTA%20A%20SANDRO%20SUSSUARANA,%20CONDUZIDA%20POR%20MAUREN%20PAV_%20PRZYBYLSKI.pdf) Acesso em 15 junho 2017.

<sup>2</sup> O slam tem origem no termo inglês poetry slam, que significa “batida de poesia” e é uma competição – que tem sido bastante frequente nos coletivos periféricos - em que poetas leem ou recitam um trabalho original (ou, mais raramente, de outros). Estas performances são, em seguida, julgadas por membros selecionados da plateia ou então por uma comissão de jurados. Geralmente, as notas vão de zero (a pior) a dez (a melhor). Retiram-se, então, as melhores e as piores notas, mantendo-se apenas as três notas do meio. Dessa forma, a maior nota que uma pessoa pode tirar é trinta, e a menor é zero.

colonial, produzida e reproduzida pela colonialidade do poder – em particular, o poder colonial (Mignolo, 2003, p. 39) –, do saber e do ser (Maldonado-Torres, 2008, p. 147) (BALLESTRIN, 2013, p.101)

Considerando que a colonialidade excluiu outros saberes e outras formas de interpretar o mundo, desautorizando epistemologias da periferia do ocidente e que a colonialidade do saber é representada na geopolítica do conhecimento, a partir da qual a razão, a verdade e a ciência são atributos possíveis nas – e das – metrópoles, cabendo aos territórios (ex) coloniais e seus sujeitos o status de objetos, classificados como populares, leigos, naturais, ignorantes, sem lei (SANTOS, 2007 apud BARBOSA & MASO, 2014), pretende-se ilustrar, a partir de narrativas de prostitutas, transmulheres, rappers, poetas periféricas a necessidade de nós, pesquisadores do campo dos estudos literários apostarmos em novos narradores, que possuem uma vasta produção narrativa e não estão necessariamente na academia, abrindo o olhar para produções narrativas não acadêmicas, mas que podem intervir no meio, tendo, assim, um olhar científico sobre as narrativas orais e urbanas as quais, apesar de influenciadas por toda a forma de progresso, persistem como uma necessidade estética entre aqueles que escutam e transmitem. (PRZYBYLSKI, 2014).

A referida pesquisa está ainda em andamento, tendo sido realizada somente a recolha bibliográfica. As idas a campo começarão no segundo semestre do corrente ano.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. Revista Brasileira de Ciência Política, Brasília, v.11, 2013, pp. 89-117.

BARBOSA, Regiane; MASO, Tchella. Possíveis contribuições de Aníbal Quijano para as Relações Internacionais. Disponível em: <http://eventos.ufgd.edu.br/enepex/anais/arquivos/435.pdf> Acesso em 15 junho 2017.

COSTA, Cláudia de Lima. Feminismo e Tradução cultural: sobre a colonialidade do gênero e a descolonização do saber. Disponível em: <http://www2.let.uu.nl/solis/psc/p/PVOLUMEFOUR/PVOLUMEFOURPAPERS/P4DELIMACOSTA.pdf> Acesso em 14 junho 2017

CASTRO-GÓMES, Santiago. GROSFOGUEL, Ramón. (ed.). El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá, Siglo del Hombre Editores. 2007.

MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica. A opção descolonial e o significado de identidade em política. Disponível em: <http://www.uff.br/cadernosdeletrasuff/34/artigo18.pdf> Acesso em 10 junho 2017.

PRZYBYLSKI, Mauren P. A representação feminina nos lendários gaúcho e quebequense: os casos de Teiniaguá e Corriveau. Dissertação de Mestrado. 2008. Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/90893> Acesso em 15 junho 2017.

\_\_\_\_\_. Das materialidades da Literatura: a reinvenção da vida e o acervo de narrativas orais urbano-digitais. Tese de Doutorado. 2014. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/102227>. Acesso em 15 junho 2017.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do Poder e Classificação Social. In: SANTOS, Boaventura de Souza. Epistemologias do Sul. Disponível em: <http://cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/biblioteca-digital-camoes/pensamento-e.../file.html> Acesso em 15 junho 2017.

RESTREPO, Eduardo. ROJAS, Axel. Inflexión decolonial: fuentes, conceptos y cuestionamientos. 1ª Ed. Popayán, Samava. 2010.

SANTOS, Boaventura de Souza. A filosofia à venda, a douda ignorância e a aposta de Pascal. Revista de Comunicação e Epistemologia da Universidade Católica de Brasília, Brasília, v.3. n.1, 2010, pp.11-43. \_\_\_\_\_ Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. Novos estud. CEBRAP, v.7, 2007, pp. 71-94.

\_\_\_\_\_. Epistemologias do Sul. Disponível em: <http://cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/biblioteca-digital-camoes/pensamento-e.../file.html> Acesso em 15 junho 2017.

SEGATO, Rita. Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico decolonial. Disponível em: <https://eces.revues.org/1533> acesso em 14 junho 2017.